

Notas da assembleia com a comunidade de São Paulo conduzida por Olavo Gruber e Gleyson Ferreira, responsáveis locais, e Marco Montrasi, responsável nacional de Comunhão e Libertação.

São Paulo, domingo, 24 de novembro de 2019

Texto de referência: Jornada de Outubro (Quem é este?)

Bracco: Achei muito interessante o que você disse quando falou de como chega em casa. Eu acho que muitos de nós chegam em casa assim; eu até queria um sofá, mas não tenho um. Você disse: “Chego lá no trabalho e meu chefe me trata assim, depois tem uma coisa, uma preocupação...”. E o que Carrón fala disso? Há uma palavra com que ele descreve o momento que estamos vivendo. Descreve como que uma posição, uma dimensão de algo que a situação atual nos empurra a viver.

Colocação: Nós não ficamos em paz assim.

Bracco: Não ficamos em paz. Por que então vivemos assim? Afinal, você fica assim e começa a se esvaziar. Por que acontece isso? Quem se lembra? Carrón fala do niilismo, e isso é importante, porque podemos pensar: “Ah, estou vivendo assim, então deve ser um período, deve ser um tempo, deve ser uma coisa minha”. No entanto, uma primeira coisa que temos de reconhecer é a graça de ter alguém com nome e sobrenome que me aponte o reflexo dessa situação que estamos vivendo, na qual mergulhamos, todos, não só você. Desta forma, ele a descreve com uma imagem: é como uma folha levada pelo vento, pra cá e pra lá. É por isso que muitas vezes chegamos em casa assim. Passamos o dia fazendo um monte de coisas, mas em vez de chegar cheios, somos como uma bola murcha, que não serve para nada. É legal perceber isso. Quando o seu filho ou a sua sobrinha têm uma doença e você não sabe o que têm – imaginem, pais aqui presentes – você fica doida. Você fica doida porque precisa descobrir qual é a doença. E quando você encontra um médico depois de semanas, depois de meses, e ele dá um diagnóstico, você quer abraçar o médico, beijá-lo! Ele ainda não começou a resolver o problema, mas você já sente uma gratidão. Como é importante então tomarmos consciência da doença dentro da qual estamos, pois é como já conseguir chegar a entender. É o início da consciência. Imagine alguém que vive assim todos os dias, todos os dias, todos os dias... e passa o tempo, passam os anos, cada vez mais vazio. Podemos viver assim sem nos dar conta. Assim, a primeira coisa é entender a situação que estamos vivendo; que eu, você, todos nós podemos viver. Estamos sujeitos a essa mentalidade que nos deixa viver como uma folha levada pelo vento. E se não estamos atentos, até o Movimento é parte do niilismo, porque pode ser também como o vento que nos traz até aqui. Depois o vento nos leva para casa e já entramos na rotina do trabalho.

Colocação: Eu não consigo viver assim por muito tempo, não consigo. E a tendência de ficar assim por muito tempo é de fato começar a achar que o problema sou eu. Se eu fosse diferente... Neste fim de semana eu estive em Ribeirão Preto para o *XXII Encontro Comunitário de Saúde Mental – Experiências Humanas: iluminá-las e ser por elas iluminados*, e foi um mergulho na experiência. Foi um encontro com “E” maiúsculo, com todas as letras maiúsculas, com pessoas que estavam ali olhando para a própria experiência. Mas eu fui mesmo para lá em busca disso. (...)

Bracco: (...) É como o grito que todos nós carregamos. É como aquilo que não é só meu, não é só seu, é algo a que precisamos estar atentos. Você dizia: “Que desejo de ser olhada de outra maneira!” O que diz Carrón, então? Qual é o primeiro remédio que temos contra o fato de podermos chegar em casa assim, de estarmos aqui podendo já estar pensando em outra coisa? Ele começa a falar dessa palavra – que já ouvimos um monte de vezes –, da palavra “experiência”. Por quê? Como você disse, um momento como este não é uma ajuda para ficarmos aqui quentinhos, enquanto lá fora está frio, e depois voltarmos para casa e recomeçarmos tudo de novo, cansados, já pensando na semana que vem. A experiência é como, através de uma pessoa que me remete a esse instrumento,

ser pego (ser tirado do vento que me carrega) e levado a pensar: “Onde está esse olhar? Onde encontro esse olhar? Onde posso encontrar esse olhar? Esse olhar só ocorre quando eu vou para lá, ou é porque eu não recebo aquela ligação de todos os dias que me faz como que respirar? Como é que eu busco esse olhar? Quais são as várias maneiras com que posso encontrar de novo esse olhar?” A primeira coisa é que a experiência te faz encontrar de novo o teu desejo como algo firme, que não voa para lá e para cá. Você é esse desejo. Quando você retoma isso já faz parar a ventania. Por quê? Primeiramente porque não se trata de encontrar a resposta, mas de redescobrir que desejo você tem: o desejo de ser olhada! O desejo de ser visitada! Mas isso aqui, já no início. Porque Carrón sempre diz “que não se aguenta”. Quando não se aguenta, o que ele faz? Vejam que ele não encontrava Dom Giussani com frequência e por isso é a maior graça que temos: não viveu com Dom Giussani todos os dias, encontrava-o como todo mundo, através dos textos. O que ele fazia? Ele diz: “Eu precisava ir lá e ler alguma coisa, porque fazendo assim era como se eu começasse a me olhar de novo”, com esse olhar de que você fala. Então todos nós podemos nos deixar – quando vem esse desespero, quando vem aquele vazio – carregar pelo vento ou começar a procurar. Como? Cada um de nós tem que ver. Mas temos um monte de instrumentos para carregar e procurar aquele olhar. Aquele olhar único, inconfundível.

Olavo: Mas nós nos damos conta dessa escuridão? Quer dizer, quem é essa folha? São os outros ou sou eu? Olhando para a minha experiência, esta semana para mim foi difícil, bem pesada. E quase todos os dias eu cheguei em casa um pouco triste, tive vontade de chorar às vezes, porque foi uma semana cansativa, não sei explicar, mas eu fiquei até doente. E vocês se dão conta – estou falando de mim –, nos damos conta de que vivemos esse niilismo? Nós nos damos conta de que fazemos parte disso, de que isso é para nós, não é para o outro? Na sexta-feira tivemos uma reunião com um grupo de pessoas aqui da comunidade, e quando as encontrei esta foi a primeira coisa que eu disse: “Vocês se dão conta do que significa – como você disse – encontrar vocês? Vocês se dão conta do valor disso, do peso que tem essa coisa, da resposta que é essa coisa? Para mim essa questão da experiência é uma pergunta. Fazemos a experiência? Por que eu estou triste? O que falta? O que eu desejo, que não tem resposta agora? Agora, neste instante. Então onde está a falta? E quando encontro vocês, acontece algo que faz meu coração voltar para o lugar. Não sei. Será que nos damos conta dessa falta, dessa escuridão de que fala a música? Dessa necessidade, do niilismo? Quem é a folha que vai para lá e para cá de acordo com o vento? Não podemos perder as oportunidades. Quando acontece uma coisa, temos que compartilhá-la com a comunidade, porque é uma forma de construir também a experiência de todo o mundo.

Colocação: [*Falha no áudio. Fala da importância do trabalho de Escola de Comunidade*].

Bracco: É como se procurássemos aquele olhar de que falaram antes. Para que você, dentro dessa bagunça que vive, comece a perceber o valor de algo que nós sempre consideramos óbvio, como se fosse mais uma coisa, mais um vento, porque às vezes a Escola de Comunidade parece mais um vento que nos puxa de lado. Mas é preciso acontecer algo – porque há o aspecto de um nada que tenta anular tudo –, como por exemplo a vida de uma pessoa amada que parece estar indo embora, para precisarmos reencontrar o sentido. Aí redescobrimos o valor da Escola de Comunidade, que não é uma hora passada com o grupo de amigos. Tanto é que você redescobre isso indo com a sua esposa de carro. O que procuramos lá? É aquele olhar, um olhar para que eu seja visitado. Porque os apóstolos, quando acontecia uma coisa dessas – sempre temos que imaginar João, André ou Pedro – quando acontecia uma coisa dessas na família, com o pai, ou a mãe, qual era a primeira coisa em que pensavam? Qual é a primeira coisa que procuravam? O que Pedro fazia quando estava com André e tinha que ir visitar o pai? Pegava o carro e fazia Escola de Comunidade. Corriam para Jesus. A mesma coisa! Iam procurar aquele olhar. Então imaginem o valor que tem esse niilismo, porque é uma coisa única. O Carrón diz que esta é também uma ocasião porque nos permite ir lá e começar,

dentro da neblina, a ver alguma coisa, a se agarrar em alguma coisa, finalmente. Antes era tudo óbvio, mas nessa situação já não é possível, porque eu preciso desse olhar para viver. Preciso para viver, para olhar para meu pai. Porque quando você está assim, o que você busca? Quem é que você busca? Você tem que se perguntar: “Quando eu sinto o vento do niilismo passar, o que eu busco? A quem eu busco?” Esta é a autoridade. Autoridade não é o chefe, é quem eu busco quando sinto esse vento, porque me ajuda a perceber o vento. Quando estou triste, o que eu busco? O que você buscou? Essa é uma autoridade, é alguém que bota o dedo na minha ferida, que me faz essas perguntas também. Porque Carrón não nos deixa em paz. Graças a Deus! Por que vou ler às vezes as coisas que ele diz, ou faço Escola de Comunidade, ou leio alguma coisa do Papa? Porque procuro esse olhar, senão eu não consigo viver, não consigo me aguentar. Li outro dia sobre a viagem do Papa à Tailândia. No discurso aos consagrados, ele disse: “O olhar de Maria nos empurra a olhar na mesma direção na qual ela olhava”. Nós, que somos tão devotos de Nossa Senhora, qual pensamos ser o primeiro valor de Nossa Senhora, da nossa devoção? É que, olhando para ela, sou ajudado a olhar para onde ela olha. Esta é uma autoridade. Então o olhar de Maria nos ajuda a olhar na mesma direção em que ela olha. “Para fazer tudo aquilo que ele vai nos indicar”. Lembram-se do Evangelho? “Fazei aquilo que meu Filho disser”. “Olhos que nos fascinam porque são capazes de ir além das aparências e de alcançar e celebrar a beleza mais autêntica que vive em cada pessoa”. Esse olhar a que nos referimos antes: “Quero ser olhada de outra maneira, visitada por esse olhar”. Por quê? Porque são os olhos que fascinam. Porque são capazes de ir além das aparências. E por que eu sinto saudade desse olhar? Porque um dia eu vi que esse olhar celebrava em mim a minha beleza mais autêntica, como se esse olhar tivesse encontrado algo que ninguém conseguia encontrar, em mim. Um olhar, como nos ensina o Evangelho, que quebra todos os determinismos, quebra todos os determinismos do meu chegar em casa, e de tudo o que diz que a vida não vale a pena. “Quebra esse determinismo, os fatalismos e os esquemas. Onde muitos viam só um pecador, um blasfemo, um cobrador de impostos, um malfeitor, até um traidor, Jesus foi capaz de ver apóstolos”. Apóstolos. Onde muitos viam malfeitores, indignos, quebrados, vazios, no sofá, que estão tristes, que choram... Porque nós, quando nos enxergamos assim, somos menos que o nada, pior que o niilismo. Ele, quando nos enxerga assim, vê um apóstolo. Olavo, o apóstolo das gentes. “Onde muitos viam um pecador, um blasfemo, um cobrador de impostos, um malfeitor, até um traidor, Jesus era capaz de ver apóstolos. É essa beleza que aquele olhar nos convida a anunciar: um olhar que entra dentro, transforma e que faz emergir o melhor dos outros”. E de mim também. Que coisa, não? Que coisa existir alguém que vive dessa forma o ser olhado, que me diga isso e eu comece a ser olhado assim, e eu possa gerar. Ninguém gera se não é gerado por esse olhar. Que valor a autoridade! Buscamos e voltamos a viver. E voltamos a ter saudade da Escola de Comunidade, de ler alguma coisa durante o dia, porque senão o dia passa e eu vou embora. Como tudo volta a ter significado, a ter valor! Esse é o valor, a grandeza desse momento que estamos vivendo.

Colocação: Tenho pensado já faz um tempo que essas coisas que dizemos coincidem um pouco com a grande tarefa que Deus nos deu na Igreja universal. É um exemplo bobo: se encontramos um monge que só fica à toa e não trabalha nem quer rezar as Laudes, isto é uma tristeza, porque a tarefa que Deus lhe deu na vida, para a Igreja universal, é rezar as Laudes, as Vésperas e trabalhar. Que tristeza! E eu pensava: mas a tarefa que de alguma maneira Deus nos deu a todos é não permitir que as palavras se esvaziem. É não aceitar ler um texto, ouvir uma coisa na missa dizer: “Ah, é modo de dizer. É palavra bonita”. Quando eu aceito uma palavra esvaziada, estou sendo como um monge preguiçoso, que se recusa a ir rezar. E, portanto, eu não cumpro minha tarefa diante da Igreja universal. Quinze dias atrás, por exemplo, eu estava num congresso, e no final haveria um jantar festivo. De manhã cedo eu tinha lido um trecho desse texto, e logo depois que ele fala da autoridade, ele diz: “Sem autoridade, não há contentamento. Haverá satisfação ou, se preferir, prazer, mas não o contentamento humano da liberdade, do pensamento e do coração, dos olhos e da palavra”. E eu me perguntei: “Mas o que é esse contentamento?” Ele diz: prazer, satisfação, pode haver isso, mas sem

autoridade não há contentamento. Eu estava fazendo Escola de Comunidade cedinho, às seis da manhã, antes de ir para o último dia de congresso. Esta pergunta entrou em mim no início do dia: o que é esse contentamento? Qual a diferença? E no final do dia eu fui lá na festinha. Não sei se vocês já foram a festinhas de fim de evento de trabalho. Bebe-se muito e muitas outras coisas. Eu estava nessa festinha, estava numa companhia muito bonita e agradável e reapareceu essa frase em mim. E vendo aquelas companhias bonitas, pensei: isso dá satisfação; é um prazer olhar tudo isso e beber e ficar alegre aqui. Mas a alegria que é pertencer ao Senhor e ser d'Ele... mas não se compara! Eu posso viver sem aquela beleza que estava na minha frente, posso viver sem a alegria da cerveja. Mas nada se compara com o contentamento que é olhar aquela mulher, pensando: "Ela tem saudades do Senhor e nem sabe disso". Nada se compara! Aí eu me dei conta e me lembrei de uma outra palavra do texto, que é a palavra autoridade. Quer dizer, autoridade é aquela coisa, aquela pessoa, aquele lugar, que introjeta em você uma hipótese que te escancara com aquela pergunta que me foi introjetada de manhã: o que será esse contentamento? Só para dizer que nessa grande tarefa que nos é dada de não permitir, na Igreja universal, que as palavras se esvaziem, isto aqui desencadeia uma aventura cotidiana.

Colocação: Na faculdade, um dos meus amigos acabou fazendo um comentário racista para um menino. Eu estudo numa Federal, onde há muitas pessoas negras, militantes e tudo o mais, e depois disso todo mundo quer esse meu amigo morto. Fazem comentários horríveis sobre ele, coisas muito pesadas. E eu tenho um olhar totalmente diferente: "Ele errou, mas o que podemos fazer para ele se redimir consigo mesmo, em primeiro lugar, para ele tirar uma lição disso?" Porque eu acredito que o perdão só vem quando a pessoa reconhece primeiro o erro. E aí sou eu contra uma multidão, e eu achando que ia dar conta, que ia conversar com as pessoas e fazer aquilo. Então parei e disse: "Ok! Não está no meu poder". Eu estava nessa escuridão, de que eu não dou conta. E nisso tudo, enquanto vou achando que dou conta de tudo, começo a me cobrar, porque já vivi um jeito mais bonito de ver as coisas, já passei por experiências que me mudaram. Quando vejo que acho que dou conta de tudo, eu me lembro, por exemplo, de mim quando fui ajudar nas obras da Rosetta em Belo Horizonte, e então digo: "Mas lá eu não dava conta de nada". Estou fazendo faculdade de Terapia Ocupacional, trabalho muito com pessoas com deficiência, e estou vendo um outro jeito de viver a vida. Os meus pedidos não são mais coisas tão concretas, não peço que uma pessoa cadeirante ande, mas que Deus me mostre por que isso está acontecendo, por que essa situação foi dada, pois se tudo é dado por Ele, então tudo está sendo cuidado. Eu vejo assim. E aí quando eu vejo que não consigo, que não estava dando conta de tudo, eu me lembro dos olhares que foram construídos em mim. Se eu não dou conta, o que eu aprendi, por exemplo, na Rosetta, quando eu via que não dava conta? Que a oração é importante, que quando você se sente tão impotente diante de uma situação pode rezar, tentar entender o porquê. Quando eu sinto que estou me cobrando muito, é porque estou vivendo na escuridão, porque não estou cumprindo essa missão que foi dada a cada um. Eu acho que minha missão é levar as coisas que eu vivi, as coisas que deveria viver mais ainda, e isso é uma cobrança também: eu deveria ir mais à missa, deveria estar lendo mais, deveria estar fazendo tudo. Porque eu sinto que, quando estou num compromisso com isso, as coisas vão sendo guiadas. Não são perfeitas, não é que todas as crianças da Rosetta estavam bem, não. Mas eu estava entendendo mais o porquê de tudo aquilo e eu estava vivendo uma paz.

Bracco: O que aconteceu a um pecador, um blasfemo, um cobrador de impostos, até um traidor, você também, eu? O que aconteceu para percebermos qual é a nossa missão? Porque o cara era cobrador de impostos. E o Papa está dando exemplos de pessoas que viraram o quê? Apóstolos. Apóstolo significa enviado, certo? Os primeiros enviados eram um malfeitor, um blasfemo, um traidor, um cobrador de impostos. O que mudou entre ser isso e ser apóstolo? O que permitiu perceber qual era a tarefa?

Colocação: Um olhar diferente.

Bracco: Um olhar diferente. Basta! Só, ponto! Como é que você pode curar o seu amigo?

Colocação: Tentando ter esse olhar.

Bracco: Tentando ter esse olhar, tentando você ter esse olhar. Perfeito!

Colocação: E passar a ele. É o que eu tenho tentado.

Bracco: Porque quanto mais você viver essa situação lá, mais se comoverá. Você vai ver o melhor, podendo fazer vir à tona, amando o melhor que ele tem, que não foi esse erro que ele cometeu.

Colocação: Ele é mais do que isso.

Bracco: Esse olhar que, seguindo alguém que é uma autoridade, nós também podemos ter. Porque será capaz de ver o melhor em cada um. Não o pior, que já sabemos bem. Estamos numa época em que só se vê o pior, né? Aliás, as estratégias são para ver cada vez mais o pior, porque assim você pode bater no outro. Ao contrário, ter um olhar que só começa a desejar, que muda o olhar a ponto que vê mais o melhor. E você será a única lá dentro com quem seu amigo se sentirá olhado diferente. E você é a primeira que vai sair da solidão. Obrigado.

Colocação: Vou falar um pouquinho do dia da Coleta, quando para mim sempre acontece muita coisa. Já há algum tempo, depois que conheci o Movimento, é muito evidente que começou a acontecer uma resposta bem concreta, isso é o que mais me chamou atenção no Movimento e é o que faz com que eu adira à proposta da Coleta. Eu fiz as Coletas passadas com o pessoal da minha Fraternidade, e foi mais leve porque eu estava acompanhado e conseguia abordar as pessoas. Porque nisso a Coleta sempre me desafiou. O que é a Coleta? Num primeiro momento, há seis anos, eu achava que era coletar alimentos. E eu até ficava bravo com o pessoal que só panfletava e dizia: “Precisava ter uma alegoria aqui para chamar a atenção”, pensando com mentalidade de trabalho e eficiência. Depois, com a ajuda do Ulisses e depois com o pessoal da minha Fraternidade, eu vi que não era isso. Ficou muito evidente que era uma oportunidade de encontro, um encontro verdadeiro com aquelas pessoas que só vão objetivamente comprar um alimento e, de repente, encontram ali uma abertura para algo que nem sabem o que é. E para nós também. Só que isso não é fácil de fazer! Porque quando eu estou na Coleta, eu me coloco, digamos assim, intensamente mesmo. Então no dia, quando estou ali e a pessoa entra, eu quero ter um encontro com ela. Eu abordo, tento abordar de uma maneira menos agressiva, mais positiva, com liberdade. Mas a verdade é uma só: nós somos rejeitados ali a todo o momento, e isso é tão evidente que eu vejo muitos de nós tentarem fazer outras coisas, tudo, menos aquilo, tentam encaixotar as coisas... Fazemos de tudo para fugir daquele momento de ter um encontro, porque somos rejeitados a todo o momento. E lidar com isso é muito forte. O Fernando nem sabe, mas fiquei muito bravo com ele porque ele ficou lá responsável pela mesa... Ele era o coordenador, e era isso que ele tinha que fazer mesmo, mas eu não estava entendendo o que estava acontecendo, por isso quis ir até o carro por um momento – eu tinha dormido pouco, não estava bem, estava meio doente, mas não era isso; era esse “desarranjo” aqui dentro o que me fez ir para o carro. Aí dei uma deitada e descansei. Quando eu voltei me dei conta de que eu não consigo fazer as coisas sozinho. Esses desafios desproporcionais, de estar ali e ser rejeitado e ainda assim ter amor pelo outro; eu preciso de companhia. E ali mudou tudo. Só o fato de eu lhe dizer [ao Bernardo]: “Eu preciso de companhia, preciso da sua, estou me sentindo muito sozinho, não estou dando conta”, porque quando eu abordo as pessoas, eu até observo que muitas vêm trazer alimento, mas esse dia da Coleta foi “para mim”, digamos assim, foi muito para mim porque isso me desarranjou. Então eu só queria contar um pouco dessa experiência, da minha consciência: sou fraco. E estou num momento da vida profissional em que tudo está me levando ao contrário disso. Estou tendo sucesso, estou sendo valorizado, tendo sempre uma promoção aqui, outra ali, e quando é assim a gente tem que estar bem atento, porque mesmo nesses momentos muito bons é perigoso colocarmos toda a nossa vida nisso: massageia nosso ego, começamos

automaticamente a achar que somos ótimos. E olha o que a Coleta fez comigo! Tomar a consciência da necessidade, de companhia.

Olavo: Uma coisa que eu aprendi na Coleta é que também é uma posição de pedido. A gente se encontra com as pessoas, mas eu também me dei conta de que é uma posição de pedido. E eu me dei conta de que esta é a nossa posição humana: pedir. Então eu fiz a experiência de me dar conta de que eu estou aqui pedindo. Se nos damos conta de estarmos ali, com quem estou me relacionando? O que isso tem a ver com o instante, com a segunda-feira? Amanhã (eu já estava pensando aqui enquanto ele falava, em como vai ser amanhã: uma confusão). Mas o que isso tem a ver com a Coleta? É me dar conta de que o meu instante, hoje, começa agora, neste instante, é um relacionamento de mistério, é um relacionamento presente, que eu verifico que acontece. Trata-se de pedir a presença d’Ele. Eu preciso d’Ele neste instante! Enfim, só queria dizer que também precisamos nos dar conta de que a posição ali é uma posição de pedido.

Bracco: Esse foi mais um exemplo. O nosso amigo falou antes da Escola de Comunidade, agora você falou da Coleta. Vejam que esses são gestos de Cristo. A que eram continuamente educados os apóstolos ao estarem com Jesus? Quando alguém se sentia “fortão”, pá! Ele fazia acontecer alguma coisa para eles se darem conta. Eu falava com uns amigos: os momentos que foram como os pontos de virada na vida dos apóstolos eram mais que os momentos dos milagres. Era quando Jesus dizia: “César, você me ama? Ricardo, você também quer ir embora?” Não eram milagres, mas o que eles tinham visto todos aqueles dias, nesses momentos, colocando uma pergunta, entrava até a origem deles. Eles eram outros. O momento em que eles mais se tornavam eles mesmos era quando aconteciam esses momentos, que são esses gestos. Imaginem o que era o Movimento para nós, e como muitas vezes o tratamos. É uma coisa absurda. Imaginem o que é este momento hoje e como entramos aqui. Que expectativas tínhamos? O que ele faz? É como Jesus com os apóstolos. Isso é o Movimento para nós. Para nos darmos conta cada vez mais; para sentirmos esse olhar, percebermos esse olhar. Onde vemos esse olhar? É quando nos encontramos, mas também quando estamos sozinhos. Então um olhar é uma autoridade, e o Movimento é uma autoridade. Significa o quê? Ver onde Cristo vence. Onde eu posso recorrer a esse olhar? Quando eu recorro a esse olhar? Como eu faço isso? Por que vou ler alguma coisa? Por que penso numa pessoa? Porque o lugar onde vejo alguém que me é dado hoje, é onde Cristo vence. O que significa que Cristo vence? É onde está presente aquele olhar. O fato de para ele estar presente é um conforto para mim, pois significa que é possível para mim. Lembra? Carrón diz isso.

Colocação: Esta é uma oportunidade de partilhar também como foi a Coleta para mim neste ano: foi muito excepcional. Eu vivo a Coleta desde o início na minha cidade, e participava sempre no mesmo mercado. Eu comecei a ser coordenadora muito nova, inclusive porque eu conhecia muito bem aquele mercado; então eu sempre estava lá com meus amigos, sempre ultrapassávamos uma tonelada, era sempre uma diversão, sempre havia uma festa na minha casa depois. E neste ano eu já estava conversando com meus amigos sobre voltar para a minha cidade para fazer a Coleta com eles. Mas a Glorinha me chamou para fazer a Coleta em Rio Preto com ela. Ela me disse: “Estou precisando de ajuda e eu quero que você ajude meu filho a organizar o mercado daqui”. Eu disse: “Acho que também pode ser uma experiência”. A Coleta é para ser realmente uma ajuda, então se há alguém pedindo ajuda lá em Rio Preto, eu vou para lá. E fui. Eu fiquei na abordagem, cuidei das caixas, conversei com o gerente, e tudo isso me chamou muito a atenção para o significado da Coleta, porque eu nunca tinha me dado conta do que a Coleta significava para mim até aquele dia. E uma das coisas que me ajudou muito nisso foi que neste ano, pela primeira vez, eu reparei que a Coleta tinha um tema. Eu nunca tinha parado para pensar. Sempre ajudei minha mãe a ver o melhor *design*, a colar as coisas, mas eu nunca tinha me dado conta de que existia um tema, uma proposta, uma pergunta. A pergunta deste ano – “O que faz a vida valer a pena nesse mundo caótico?” – foi como esse vento que coloca a folha no chão me fez entender por que a Coleta tem sentido. Eu estudo numa faculdade em que estudamos muita zoologia, antropologia, etc., e eu tenho uma

excelente professora. Só que toda vez que ia para a aula dela, eu saía triste e decepcionada, porque ela sempre trazia uma visão muito negativa do mundo, como se não houvesse saída e nada valesse a pena. Inclusive tenho uma amiga muito próxima que sempre me perguntava: “Como você ainda consegue sair com um sorriso no rosto e me falar uma coisa bonita depois dessa aula?” E acho que toda essa experiência foi me ajudando a me dar conta do porquê eu estava ali em Rio Preto com pessoas que eu não conhecia, num mercado que eu não conhecia, fazendo a abordagem para instituições que eu não conhecia. E por que é que eu estava fazendo aquilo, se eu não sabia quem estava sendo ajudado, se eu não estou envolvida, se não conhecia a maioria daquelas pessoas que estavam coletando ali comigo? Eu parei para pensar em como isso tudo era na verdade uma forma para eu mesma conseguir olhar para a minha vida e ver que ela vale a pena, por isso eu quero que outros também façam um encontro. Então eu comecei a fazer minha abordagem como eu nunca tinha feito. E o tanto que essa pergunta chocou as pessoas que eu abordei, me impressionou demais. Algumas pessoas diziam: “Nossa! Que legal fazer uma ajuda humanitária pensando sobre mim também!”. Já outras diziam: “Meu Deus, a vida não vale a pena para nada, você fica ajudando pessoas que não estão ajudando o mundo. Você tem que ajudar os animais”. Eu ouvi muito isso. Outra também me chamou a atenção: “Não, mas a vida não vale a pena. A gente vive num mundo de caos, por que vale a pena?” E toda vez que vinha alguém assim, eu pensava: “Perdi essa pessoa, a abordagem falhou ali, não consegui”. E me chamou a atenção que uma dessas pessoas indignadas voltou e agradeceu. Geralmente, sou eu que entrego o “Obrigado!”, nunca achei que receberia isso de uma dessas pessoas que tinha ficado muito indignada. E outra me agradeceu assim: “Realmente, acho que a vida vale a pena”. Para mim, isso é o que a Coleta tem de tão diferente do restante das ações humanitárias que eu já fiz. Fiquei pensando que não é que tenha muita importância, não é que tenha uma efetividade quantitativa muito grande. Claro! Tem. Nós conseguimos muitos alimentos, mas o que me chamou muito a atenção foi mais a simbologia. E me marcou um garoto que viajou a noite inteira, chegou, trabalhou dezesseis horas na Coleta e viajou de volta. Estava sempre com um sorriso no rosto, sempre, mesmo morrendo de cansaço e sem ter dormido nada. Ele me perguntou como eu conseguia chamar a atenção das pessoas sem que elas só respondessem: “Estou com pressa”. Eu respondi: “É porque eu quero que a minha abordagem seja uma demonstração da Coleta em si. Mas e você, como você, diante de tudo isso, está aqui? Por que você está aqui?” Ele disse: “Eu tinha que fazer a Coleta com os meus amigos. Eu tinha que vir para cá para viver isso”. (...) Quando eu voltei, na segunda-feira tive a aula daquela professora, em que começamos a falar sobre ajuda humanitária, e ela sempre criticando: “A ideia da ajuda em si já é problemática, porque você está considerando que alguém precisa ser ajudado e as perspectivas de ajudas são diferentes; e a forma como essa ajuda é feita pode ser muito problemática; e a ajuda pode estar gerando relações de dependência”. Eu fiquei com isso na cabeça e depois da aula fui falar com ela: “Professora, eu vivi uma coisa nesse final de semana que me mostrou que não é sempre assim, e que a ajuda pode ser na verdade uma forma de trazer autonomia para alguém que não conseguiria ter. Pensando na questão dos alimentos, não há como uma pessoa ter autonomia, conhecer-se, reconhecer-se, se ela não tem alimento. Então uma ajuda às vezes pode ser a única maneira em que você consegue ser você”. E ela disse: “Ah, verdade. Verdade. Mas o que você viveu?”. E eu contei da Coleta e da frase, e ela ficou impressionada. E isso me impressionou, porque eu pensava que nunca conseguiria abalá-la, ela é um foguete de crítica. No fim, ela disse: “Que legal isso! É difícil, muito difícil achar uma ajuda que tenha uma proposta. Olha, se você for fazer ano que vem e conseguir mobilizar, me chama”. E isso me impressionou demais.

Gleyson: O que eu achei bacana nisso é a definição de autoridade, porque lembro que a autoridade é o lugar e que você também é um lugar, uma pessoa também é um lugar. “O lugar onde a luta e a verificação da resposta que a nossa proposta, que a proposta de Cristo é para a percepção do coração... a autoridade é o lugar onde a luta para afirmar e a verificação para confirmar que a proposta de Cristo é verdadeira, ou seja, é resposta à percepção, às exigências do coração (ao senso religioso, que consiste nas exigências do coração, que acusa a resposta que tem na sua frente), é mais límpida e mais simples – e por isso não provoca temor –, é mais pacífica”. Porque qualquer

alternativa nossa vira um discurso, vira um debate de ideias, e isso poderia cair naquilo que o Bracco disse há pouco sobre tentar desmerecer os problemas da dependência. Mas, diante de algo que é verdadeiro, é difícil dizer não, é difícil negar. Eu penso que nós somos chamados o tempo inteiro a fazer esse trabalho de olhar para a experiência que fazemos, e nos dar conta se aquilo realmente corresponde ou não. E quando fazemos esse trabalho com o coração realmente atento, torna-se muito evidente. O mais importante no fundo é até esse embate que foi mencionado na última fala, pois podemos ficar presos na nossa capacidade. Particularmente a Coleta foi um pouco assim também para mim. Eu tinha muita coisa para fazer e me peguei rezando o tempo inteiro para que eu pudesse fazer uma experiência na Coleta diferente, que não fosse simplesmente um esforço meu em conseguir ser eficiente ou coisa do tipo. E me dei conta de uma série de pequenas coisas que foram acontecendo ao longo do dia, de como pode ser belo se estivermos abertos, se estivermos disponíveis. Eu acho que é aí que nos damos conta da questão de fazer experiência, de como se faz experiência, e nos damos conta desse fazer experiência que se torna autoridade. Eu já falei algumas vezes de como para mim este ano tem sido cheio de grandes acontecimentos, e particularmente tem me animado muito. E um amigo me disse em certo momento que, se eu não me desse conta do que é que está acontecendo comigo, isso logo acabaria (essa empolgação que às vezes surge por um grande gesto, ou pela Coleta, ou por um evento como esta assembleia). Desde o dia em que ouvi isso desse amigo, eu me dei conta de que cada coisa, cada instante, cada momento que vivemos tem que ser realmente vivido com essa busca de viver o significado, porque senão podemos achar, depois que já encontrou algo, que isso basta, que ganhamos um carimbo, que atingimos uma pontuação que sustenta. Nós não nos sustentamos, a todo instante precisamos ficar de olho em onde as coisas estão acontecendo e onde se percebe essa vitória de Cristo na nossa vida e na vida das pessoas, porque acho que é isso o que realmente tem me sustentado. E sustenta a todos nós também.